

# O CRISTIANISMO NASCEU MESMO NA PALESTINA?

*WAS CHRISTIANITY EVEN BORN IN PALESTINE?*

***Rêmulo Araújo Carvalho***<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> *Graduando em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva. Graduado em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba. Mestrado em Ciências pelo Departamento de Biologia Ambiental da Universidade de Guelph - Canadá e foi bolsista do Governo de Israel em curso internacional de Manejo Integrado de Pragas. Atualmente é pesquisador II da Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba.*

## **RESUMO**

O topônimo Palestina é muito utilizado por historiadores e teólogos para designar o antigo território de Israel como lugar da habitação do povo judeu e da origem do Cristianismo. No entanto, a palavra Palestina não aparece em nenhum mapa antigo se referindo ao território habitado pelo povo judeu ou pelos primeiros cristãos. O objetivo deste artigo é identificar as razões dessa utilização, bem como suas implicações teológicas. O vocábulo Palestina está etimologicamente associado ao povo filisteu e à terra onde habitavam, que se chamava Filístia. Esta era uma pequena faixa costeira onde os filisteus, oriundos de Caftor, atual Creta, se estabeleceram em cinco cidades-estados após serem expulsos do Egito pelo Faraó Ramsés III. O termo Filístia nunca foi utilizado para denominar a região central daquela terra prometida a Abrão que teve, até o segundo século d.C., os sucessivos nomes de Canaã, Israel, Judá e Judeia, mas não Filístia ou Palestina. O nome Palestina foi dado pelo imperador romano Adriano após sufocar a segunda revolta dos judeus liderada por Bar Kochba em 135 d.C. Ele mudou o nome da província romana da Judeia para Síria-Palestina. Também mudou o nome de Jerusalém para Aelia Capitolina. Palestina é um nome pagão, relacionado à terra e ao povo filisteu que foi dado à Judeia, posteriormente ao tempo de Jesus, com o objetivo de anular, de maneira difamatória, a cosmovisão judaica daqueles revoltosos habitantes. Ao renomear a terra dos judeus com o nome da terra de seus piores inimigos, Adriano intencionou destruir para sempre a identidade do povo judeu adicionando a tortura psicológica aos que escaparam da morte e da deportação. Chamar a Terra Santa de Palestina, além de ser um equívoco

histórico-temporal, é também uma questão de incoerência, pois quem assim o faz deveria também rejeitar o nome de Jerusalém e usar apenas Aelia Capitolina, pois Adriano mudou os dois nomes, mas nenhum teólogo ou historiador jamais afirmou que Jesus ensinou ou morreu em um lugar chamado Aelia Capitolina. Portanto, afirmar que o Cristianismo nasceu na Palestina é compartilhar a assimilação cultural de um termo pagão que não se encontra na narrativa bíblica. Na verdade, especialmente no meio acadêmico e teológico, o correto, historicamente, é afirmar que o Cristianismo nasceu na Judeia.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

*Canaã; filisteu; Filístia; Israel; Judá; Judeia.*

#### **ABSTRACT**

The Palestine toponym is very much used by Historians and Theologians to designate the ancient territory of Israel as the place which was once inhabited by the Jews and also as the birthplace of Christianity. However, the word Palestine does not appear in any old map of that region referring to the land of the Jews or the first Christians. This article has the objective of identifying the reasons for the usage of this term as well as its theological implications. The word Palestine is etymologically associated with the Philistines and with their land, Philistia. This was a small coastal stripe where the Philistines, originated from Caphtor, actual Crete, established in five city-states after being expelled from Egypt by Pharaoh Ramses III. The word Philistia was never used to denominate the central region of the land promised to Abram. This land was successively named Canaan, Israel, Juda, and Judea until the second-century a.D. but never received the

name Philistia nor Palestine. The name Palestine was given by the Roman emperor Hadrian after suffocating the second Jewish Rebellion led by Bar Kochba in 135 AD. He changed the name of the Roman province of Judea to Siria-Palestine. He also changed the name of Jerusalem to Aelia Capitolina. Palestine is a pagan name related to the Philistine land and people which was given to Judea more than a century after Jesus to cancel, in a defamatory way, the Jewish cosmovision of those rebellious inhabitants. By renaming the land of the Jews after their worst enemies, Hadrian intended to destroy the identity of the Jewish people forever by adding psychological torture to the remnants who had escaped from death and deportation. To call Palestine the region which is known as Holy Land, besides being a historic and temporal mistake, is also a matter of incoherence since those who do so should also avoid the word Jerusalem and use only Aelia Capitolina instead since Hadrian changed both names, but no Theologian or Historian has ever affirmed that Jesus has taught or died in a place called Aelia Capitolina. Therefore, to affirm that Christianity was born in Palestine is to share cultural assimilation of a pagan term that does not belong to the biblical narrative. In truth, especially in the academic and theological environment, the correct approach to this matter is to affirm that, historically, Christianity was born in Judea.

**KEYWORDS**

*Canaan; philistines; Philistia; Israel; Juda; Judea.*

## **1. INTRODUÇÃO**

Causou-nos surpresa, ao lermos um recorte inserido em um texto utilizado na disciplina de Introdução à História do Pensamento Cristão, logo na primeira aula do curso teológico, a seguinte afirmação: “Foi na **Palestina**, entre os judeus, que o Cristianismo surgiu”.

Tal declaração foi extraída do livro “Uma História do Pensamento Cristão” do renomado historiador Justo Gonzáles, material bibliográfico recomendado é utilizado em vários seminários teológicos no Brasil e no mundo.

Ao lermos o texto original contido nesse livro podemos observar que o termo Palestina é utilizado efusivamente por Gonzáles, principalmente no seu segundo capítulo, intitulado “O Berço do Cristianismo”. Apenas na página 29, esse historiador usa o termo “Palestina” sete vezes:

A invejável localização da **Palestina** causou muito infortúnio ao povo que a considerava sua Terra Prometida.

A **Palestina**, pelo meio da qual passavam rotas de comércio do Egito para a Assíria e da Arábia para a Ásia Menor, sempre foi objeto da cobiça imperialista dos grandes Estados que surgiram no Oriente Próximo.

Quando a Babilônia suplantou a Assíria, também herdou a **Palestina**[...]

Depois que Babilônia foi conquistada pela Pérsia, Ciro permitiu o retorno dos exilados e fez da **Palestina** uma parte de seu império.

Ao derrotar os Persas em Issus, Alexandre anexou o seu império, incluindo a **Palestina**, que ficou sujeita aos governadores macedônios.

[...] Por mais de um século, as duas principais dinastias que se estabeleceram a partir dos generais de Alexandre, os Ptolomeus e os Selêucidas, lutaram pela posse da **Palestina**.

No ano 63 a.C., Pompeu tomou Jerusalém e profanou o Templo, entrando até mesmo no Santo dos santos. Desde então, a **Palestina** ficou sujeita ao poder romano e nestas condições a encontramos quando do advento de nosso Senhor. (GONZALES, 2015, p. 29, grifo nosso)

Essa ideia de que os judeus habitavam uma região chamada de Palestina é compartilhada pelo historiador cristão Cairns no primeiro capítulo, “Embora os judeus fossem uma nação pequena, eles ocupavam a **Palestina**, um pequeno pedaço de terra que ligava Ásia, Europa e África.” (CAIRNS, 2008, grifo do autor)

Essa mesma informação geográfica relativa à Palestina, também é encontrada no primeiro capítulo do livro “Introdução à Cosmovisão Cristã” dos teólogos Goheen e Craig, “No Antigo Testamento, o povo de Deus tinha uma unidade étnica (como judeus) e geográfica (na **Palestina**).” (GOHEEN; CRAIG, 2016, grifo nosso)

Assim como os livros de Gonzáles e Cairns, o livro de Goheen e Craig também é leitura obrigatória e fundamental nas disciplinas de Cosmovisão Cristã em vários seminários teológicos. No entanto, esses livros, que são muito importantes para

contribuir com a compreensão da história, da formação do pensamento cristão e de sua cosmovisão, propagam uma equivocada declaração histórico-geográfica ao afirmarem que tanto os primeiros cristãos como os judeus do Antigo Testamento viveram numa região chamada de Palestina.

Até mesmo manuais bíblicos modernos ecoam esse topônimo Palestina como se fosse um fato correto que é indiscutível e plenamente aceito pela grande maioria dos historiadores e teólogos, inclusive, contemporâneos.

O Manual Bíblico Vida Nova no tópico “A Geografia e a Topografia do Antigo Oriente Próximo” traz o seguinte comentário sobre essa região em questão:

A expressão Crescente Fértil é frequentemente usada para descrever as terras bíblicas. O nome é derivado do fenômeno topográfico de uma faixa irregular de terra fértil que se estende num arco gigante em torno do grande deserto, assumindo a forma de uma lua crescente. No ponta sudoeste do crescente fica a terra chamada Palestina. (DOCKERY, D. S, et al., 2001)

Lamentavelmente, trata-se da mesma informação inverídica. Basta pesquisarmos em qualquer mapa bíblico do tempo do Antigo Testamento ou do tempo de Jesus ou de seus apóstolos que não vamos encontrar nenhuma região localizada a sudoeste do crescente fértil com o nome de Palestina, onde supostamente viveram judeus e cristãos.

Na verdade, a sudoeste do crescente fértil, encontramos nos mapas antigos a região da Filístia, que, enquanto teve essa

denominação, nunca foi habitada nem por judeus, nem por cristãos.

Então, por que a região habitada nos tempos bíblicos por judeus e cristãos se tornou conhecida por Palestina? E por que famosos historiadores, teólogos, professores, livros e manuais bíblicos continuam usando essa denominação para identificar essa região que também é conhecida por Terra Santa?

Neste artigo, examinaremos a origem do termo “Palestina”, suas implicações históricas, culturais, e teológicas, assim como a incoerência do uso desse termo no contexto das cosmovisões de judeus e cristãos.

## **2. ORIGEM DO TERMO “PALESTINA”**

O historiador americano Bernard Lewis (1990) em seu artigo intitulado “Palestina: Sobre a História e a Geografia de um Nome” afirma que a palavra Palestina vem da palavra Filisteu e que ela era usada para denominar a região costeira ao norte e ao sul de Gaza. Lewis (1990) informa que esse nome era familiar entre os povos vizinhos desse território na antiguidade, sendo encontrado em escritos egípcios como “Purusati”, em assírios como “Palastu”, e na bíblia hebraica como “Peleshet”.

Historicamente, o povo filisteu está incluído entre “os povos do mar” que são citados como invasores em documentos egípcios antigos que são suas principais fontes históricas e geográficas pois os filisteus eram, em sua maioria, uma sociedade iletrada e não deixaram registros históricos (RIVER, 2015).

Na bíblia encontramos uma referência à origem dos filisteus relacionada com a ilha de Caftor (atual ilha de Creta, na

Grécia), “não sois para mim, ó filhos de Israel, como os filhos dos Etíopes? – Diz o SENHOR. Não fiz eu subir a Israel da terra do Egito, de Caftor, os filisteus, e de Quir, os sírios?” (Amós 9:7)

Os filisteus tentaram colonizar o Egito, mas foram expulsos pelo Faraó Ramsés III e se estabeleceram na costa meridional da região conhecida por Canaã, organizando-se em cinco cidades-estados: Gaza, Asdode, Gate, Asquelom e Ecom (LASOR et al, 2002).

Em relação à pronúncia da palavra Palestina, é interessante destacar que a letra פ (Pe) do alfabeto hebraico é pronunciada como P quando contém um “daguesh”, um pontinho no centro ou como F, quando é escrita sem o pontinho no centro (ROSS, 2001, tradução nossa). Por isso encontramos a pronúncia e a escrita, em Língua Portuguesa, com P na palavra Palestina e com F nas palavras filisteu e Filístia, enquanto que em Língua Inglesa a escrita com P foi preservada em ambas as palavras: *Philistines* (filisteus) e *Philistia* (Filístia).

### **3. A TERRA PROMETIDA**

De acordo como o historiador americano Louis Feldman (1990), antes da terra dos cananeus ser conquistada pelos israelitas, os egípcios se referiam àquele território como “Retenu” até a 19ª. dinastia do Novo Reino que se estendeu até 1314 a.C. Depois, junto com a parte central e meridional da Síria, essa região passou a ser referida por “Hurru”, por causa de seus habitantes horitas.

Sabemos pelo texto bíblico que Deus chamou Abrão de Ur dos Caldeus para uma terra que ficou conhecida, desde aquela

narrativa, como a Terra Prometida. Como todas as regiões do mundo, essa terra também tinha um nome. E não era Palestina. Apesar de não ser revelado o nome da terra prometida para Abrão enquanto ele estava em Ur, encontramos no relato bíblico uma indicação sobre esse nome quando Deus identifica o nome de seus habitantes como “cananeus”.

Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei [...] (Gênesis 12:1) Nesse tempo os **cananeus** habitavam essa terra. (Gênesis 12:7, grifo nosso)

Destacamos que essa informação sobre os povos que habitavam a Terra Prometida registrada em Gênesis 12:7 começa com uma identificação de temporalidade que é muito importante para entendermos adequadamente esse assunto. O escritor sagrado, inspiradamente, usa a expressão “nesse tempo”.

É interessante observar que a Bíblia é muito clara em identificar os habitantes da terra prometida à Abrão como os cananeus. Não são os filisteus. Os habitantes da terra prometida são os cananeus. Essa denominação muitas vezes servia para identificar todos os povos que viviam nessa região ou, outras vezes, um povo especial que habitava essa terra.

Quando Deus faz uma aliança com Abrão, e promete dar uma terra aos seus descendentes, Deus cita dez povos que habitavam aquela terra **naquele tempo**, incluindo o povo cananeu:

Naquele mesmo dia, fez o SENHOR aliança com Abrão, dizendo: “À tua descendência dei esta

terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates: o queneu, o quenezu, o cadmoeu, o heteu, o ferezeu, os refains, o amorreu, o cananeu, o girgaseu e o jebuseu. (Gênesis 15:18-19, grifo nosso)

É importante ressaltar que não há referência a nenhum povo chamado filisteu ou nenhuma terra chamada Filístia ou Palestina.

Mesmo assim, o nome da terra prometida a Abrão também não é mencionado nessa passagem. Ele aparece pela primeira vez no episódio de Sarai e Agar: “então, Sarai, mulher de Abrão, tomou a Agar, egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abrão, seu marido, depois de ter ele habitado por dez anos na terra de **Canaã**”. (Gênesis 16:3, grifo nosso)

Quando Deus renova a aliança com Abrão e muda o seu nome para Abraão, o nome da terra prometida é citado novamente, “dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de **Canaã**, em posseção perpétua, e serei o seu Deus”. (Gênesis 17:8, grifo nosso)

Assim, de acordo com a Bíblia, a terra prometida à Abrão, **em seu tempo**, se chamava Canaã e não Palestina.

#### **4. FILÍSTIA, CANAÃ E OS PATRIARCAS DO POVO JUDEU**

Filístia era a terra dos filisteus e Canaã era a terra dos cananeus. Como já foi mencionado, os filisteus se estabeleceram na região costeira a sudoeste do Crescente Fértil, ocupando e desenvolvendo cinco cidades-estados que exerciam influência e

autoridade sobre seus arredores em direção a leste, enquanto que os cananeus habitavam o planalto central daquela região entre o Rio Jordão e os limites daquela mesma Filístia localizada à leste.

A primeira citação da Filístia no texto bíblico é encontrada de forma indireta na peregrinação de Abraão e Sara à Gerar. O rei de Gerar tinha o título de Abimeleque e cobiçou Sara por acreditar que era irmã de Abraão, “Partindo Abraão dali para a terra do Neguebe, habitou ente Cades e Sur e morou em Gerar. Disse Abraão de Sara, sua mulher: Ela é minha irmã; assim pois, Abimeleque, rei de Gerar, mandou buscá-la.” (Gênesis 20:1-2)

Durante uma intervenção divina, a verdade sobre o parentesco de Sara com Abraão foi revelada a Abimeleque e ela foi então liberta. Mesmo depois disso, esse mesmo rei de Gerar e seu comandante procuraram Abraão para fazer uma aliança com ele. Nessa ocasião, o texto bíblico revela claramente a etnia de Abimeleque e de seu capitão, “Assim, fizeram aliança em Berseba; levantaram-se Abimeleque e Ficol, comandante do seu exército, e voltaram para as terras dos **filisteus**”. (Gênesis 21:32, grifo nosso)

Gerar, no tempo de Abraão era uma região situada ao sul da cidade de Gaza, portanto, dentro da Filístia, território costeiro dos filisteus, que em sua parte mais meridional, se expandia também em direção a oeste, chegando até Berseba, cidade onde Abraão morava e que, naquele tempo, também era considerado território filisteu: “Plantou Abraão tamargueiras em Berseba e invocou ali o nome do SENHOR, Deus Eterno. E foi Abraão, por muito tempo, morador da terra dos **filisteus**”. (Gênesis 21:33-34, grifo nosso)

É impressionante como a história se repete na narrativa do Gênesis quando Isaque, filho de Abraão, passa por três

situações vividas por seu pai anos antes. Ele procura Abimeleque em Gerar, mente sobre sua mulher Rebeca, dizendo que era sua irmã, e mora também nas terras dos filisteus:

Sobrevindo fome à terra, além da primeira havida nos dias de Abraão, foi Isaque à Gerar avistar-se com Abimeleque, rei dos filisteus. (Gênesis 26:1, grifo nosso)

Ora, tendo Isaque permanecido ali por muito tempo, Abimeleque, rei dos filisteus, olhando pela janela, viu que Isaque acariciava a Rebeca, sua mulher. Então, Abimeleque chamou a Isaque e disse: É evidente que ela é tua esposa; como, pois, disseste: É minha irmã? (Gênesis 26:8-9, grifo nosso)

A Bíblia diz que após esse episódio em Gerar, Isaque foi grandemente abençoado e ficou riquíssimo. Isso provocou a inveja dos filisteus que lhe pediram para sair de Gerar, “Disse Abimeleque a Isaque: Aparta-te de nós, porque já és muito mais poderoso do que nós. Então, Isaque saiu dali e se acampou no vale de Gerar, onde habitou. (Gênesis 26:16-17)

Isaque deixou a cidade de Gerar e foi habitar em um vale com o mesmo nome, também na terra dos filisteus até que, após várias disputas com pastores de Gerar por causa de estratégicos poços d’água, Isaque finalmente se estabelece em Berseba, “dali subiu para Berseba”. (Gênesis 26:23)

Isaque viveu em Berseba até envelhecer. É então que a Bíblia relata o episódio da famosa disputa pela bênção da

primogenitura, quando Jacó e Rebeca enganam Isaque para que Jacó receba a bênção no lugar de Esaú. Este ficou tão irado que resolveu matar Jacó. Sabendo disso, sua mãe o enviou para Padã-Arã para passar um tempo na casa de seu irmão. A Bíblia registra que Jacó saiu de Berseba, “partiu Jacó de Berseba e seguiu para Harã”. (Gênesis 28:10)

Após sua sofrida saga em Harã, Jacó retorna não mais para Berseba, de onde havia saído, mas para a cidade de Siquém, na terra de Canaã, “voltando de Padã-Arã, chegou Jacó são e salvo à cidade de Siquém, que está na terra de **Canaã**; e armou sua tenda junto da cidade.” (Gênesis 33:18, grifo nosso)

Jacó habitou também em outras duas cidades de Canaã, Betel e Belém:

Assim, chegou Jacó a Luz, chamada Betel, que está na terra de Canaã, ele e todo o povo que com ele estava. (Genesis, 35:6, grifo nosso)

Partiram de Betel, e, havendo ainda pequena distância para chegar a Efrata, deu à luz Raquel um filho, cujo nascimento lhe foi a ela penoso.... Assim, morreu Raquel e foi sepultada no caminho de Efrata, que é Belém... Então, partiu Israel e armou sua tenda além da torre de Éder. (Gênesis 35:16, 19, 21)

Essa torre de Éder era uma torre que se localizava na cidade de Belém. Era uma típica torre usada por pastores para avistar melhor os seus rebanhos. Portanto, Jacó morou em Canaã depois de sua volta de Padã-Arã.

Em seguida a Bíblia relata que Jacó foi a Hebrom ver seu pai Isaque. Por alguma razão não revelada na Bíblia, Isaque havia deixado Berseba e voltado para Hebrom (é provável que sentindo que o dia de sua morte se aproximava, tenha pedido a seus familiares para ser enterrado em Hebrom junto ao sepulcro de seus pais), cidade cananea onde Abraão peregrinara inicialmente e onde havia sido sepultado, “Veio Jacó a Isaque, seu pai, a Manre, a Quiriate-Arba (que é Hebrom), onde peregrinaram Abraão e Isaque. (Gênesis 35:27)

Mais uma vez, a narrativa bíblica destaca que Jacó habitou na terra de Canaã, “Habitou Jacó na terra das peregrinações de seu pai, na terra de **Canaã**. (Gênesis 37:1, grifo nosso)

Portanto, baseado nas peregrinações dos patriarcas de Israel, podemos afirmar que eles habitaram principalmente na terra de Canaã. Entretanto, no caso específico de Abraão e Isaque, a Bíblia relata que eles também habitaram em território filisteu. Desta forma, etimologicamente, é correto afirmar que, em alguma fase da vida desses dois patriarcas, eles habitaram numa terra chamada “Palestina”.

O mesmo não se pode dizer de Jacó, que, quando assumiu seu patriarcado, decidiu viver na terra de Canaã logo após o seu retorno de Padã-Arã. Assim, apesar de ter vivido em Berseba e Gerar durante a sua juventude, Jacó nunca habitou na terra dos filisteus após assumir sua função como patriarca. Por isso, não podemos dizer que o patriarca Jacó viveu numa terra que pudesse ser chamada de Palestina.

Geograficamente, no tempo dos patriarcas de Israel, a terra santa era ocupada a oeste do rio Jordão, basicamente por dois povos: Os cananeus (representando os demais povos

autóctones) que habitavam a região montanhosa central e os Filisteus (invasores que tinham vindo do mar) que habitavam a costa meridional e suas planícies adjacentes.

Esta divisão fica bem clara na rota da saída do Egito quando Moisés relata que Deus iria introduzir o seu povo na terra dos Cananeus e não na terra dos Filisteus: “Quando o SENHOR te houver introduzido na terra dos **cananeus** como te jurou a ti e a teus pais [...]” (Êxodo 13:11, grifo nosso)

A rota mais rápida do Egito para a Terra Prometida seria pelo Nordeste, beirando a costa do Mediterrâneo, justamente em direção à Filístia, onde habitavam os filisteus, mas Deus não permitiu esse caminho para que o povo não desanimasse com a guerra:

Tendo Faraó deixado ir o povo, Deus não o levou pelo caminho da terra dos filisteus, posto que mais perto, pois disse: Para que, porventura, o povo não se arrependa vendo a guerra, e torne ao Egito. Porém, Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto perto do mar Vermelho [...] (Êxodo 13:17-18, grifo nosso)

Após a travessia do Mar Vermelho, Moisés interpreta corretamente a divisão de povos que havia naquela região para a qual eles estavam se dirigindo, citando em seu cântico dois povos à leste do rio Jordão e dois povos à oeste do mesmo:

Os povos o ouviram, eles estremeceram; agonias apoderaram-se dos habitantes da Filístia. Ora, os príncipes de Edom se perturbam, dos poderosos

de Moabe se apodera temor, esmorecem todos os habitantes de Canaã. (Êxodo15:14-15, grifo nosso)

Moisés sabia que do lado oeste do rio Jordão ele encontraria dois grupos de povos, os cananeus e os filisteus. Mas ele estava se dirigindo para a terra dos cananeus e não para a terra dos filisteus.

A propósito, durante os preparativos para invasão da terra prometida, Deus pede a Moisés para enviar espiões para observar as características de relevo, solo, vegetação e povo da terra a ser conquistada. E Deus diz claramente que o nome da terra a ser espida, é Canaã. Não é Filístia nem Palestina, “Disse o SENHOR a Moisés: Envia homens que espieem a terra de **Canaã**, que eu hei de dar aos filhos de Israel [...]” (Números 13:1, grifo nosso)

Após a conquista de Canaã, encontramos na Bíblia uma nova denominação para aquele território que a partir de então começa a ser identificado com os conquistadores israelitas. A terra passa a se chamar “terra dos filhos de Israel” no tempo de Josué e posteriormente, simplesmente, “terra de Israel” no tempo do profeta Samuel:

Naquele tempo, veio Josué e eliminou os anaquins da região montanhosa, de Hebrom, de Debir, de Anabe, e de todas as montanhas de Judá, e de todas as montanhas de Israel; Josué os destruiu totalmente em suas cidades. Nenhum dos anaquins sobreviveu na terra dos filhos de Israel; somente em Gaza, em Gate e em Asdode alguns subsistiram. (Josué 11:21-22, grifo nosso)

Ora, em toda a terra de Israel nem um ferreiro se achava, porque os filisteus tinham dito: Para que os hebreus não façam espada, nem lança. (I Samuel 13:19, grifo nosso)

No final da vida de Josué, após a conquista de Canaã e sua repartição entre as tribos de Israel, Deus lhe apareceu e disse que ainda havia muita terra para ser conquistada, incluindo a terra dos filisteus:

Era Josué, porém, já idoso, entrado em dias; e disse-lhe o SENHOR: Já estás velho, entrado em dias, e ainda muitíssima terra ficou para se possuir. Esta é a terra ainda não conquistada: Todas as regiões dos filisteus e toda a Gesur, desde Sior, que está defronte do Egito, até ao limite de Ecom, para o norte, que se considera como dos cananeus; cinco príncipes dos filisteus: o de Gaza, o de Asdode, o de Asquelom, o de Gate e o de Ecom [...] (Josué 13:1-3, grifo nosso)

Vemos claramente que a Filístia, ou terra dos filisteus, não foi conquistada no tempo de Josué. Na sequência do relato bíblico os filisteus se tornaram os principais inimigos dos israelitas no lado oeste do rio Jordão. A geopolítica mudaria drasticamente. A polarização não seria mais entre Filisteus e Cananeus, pois estes, em sua grande maioria foram destruídos pelos israelitas, mas sim entre os Filisteus e os novos ocupantes

da antiga terra de Canaã, os filhos de Israel, cuja terra por eles conquistada passaria a ser conhecida como terra de Israel.

#### **4.1 A FILÍSTIA E O POVO DE ISRAEL**

Excetuando-se algumas ocasiões em que Davi se refugiou entre os filisteus quando estava sendo perseguido por Saul, o povo de Israel nunca habitou em nenhum lugar chamado de Palestina. Esse nome esteve sempre ligado aos seus principais inimigos, os filisteus.

Esses dois povos tinham cosmovisões totalmente diferentes, culturas diferentes e deuses diferentes. Os filisteus continuaram vivendo na Filístia e o povo de Israel na antiga área pertencente aos cananeus tendo as duas civilizações se enfrentado em diversas batalhas descritas nos livros de Juízes, Samuel e Crônicas.

Os filisteus e os israelitas preservaram suas próprias identidades e nunca houve nenhuma possibilidade de integração nacional ou geográfica entre os dois povos.

#### **4.2 A FILÍSTIA NA BÍBLIA**

De acordo com o site bíblico [www.biblehub.com](http://www.biblehub.com), a palavra "Peleshet" aparece apenas oito vezes no texto bíblico.

A terra dos filisteus, a Filístia, é mencionada, entre outros, pelo profeta Isaías, "No ano em que morreu o rei Acáz, foi pronunciada essa sentença: Não te alegres, tu, toda a Filístia, por estar quebrada a vara que te feria..." (Isaías 14:28-29)

No entanto, essa palavra tem recebido diferentes traduções dependendo da versão da bíblia em Língua Inglesa ([www.biblegateway.com](http://www.biblegateway.com) e [www.biblehub.com](http://www.biblehub.com)).

Na tradicional Bíblia inglesa King James de 1611, nessa mesma passagem de Isaías (com destaque para o versículo 29), o vocábulo hebraico *פֶּלֶשֶׁת* (Peleshet) foi traduzido como Palestina, “Rejoice not thou, whole Palestina, because the rod of him that smote thee is broken...” (King James Bible).

Já sua versão revisada, a Nova King James, traduz essa mesma palavra por “Philistia”, “Do not rejoice, all you of Philistia, Because the rod that struck you is broken...” (New King James Version)

A palavra Filístia (Philistia) é também usada em outras versões conservadoras:

Rejoice not, O Philistia, all of you, that the rod that struck you is broken... (English Standard)

Do not rejoice, Philistia, all of you, because the rod that struck you is broken [...] (New American Standard Bible) Rejoice not, O Philistia, all of thee, because the rod that smote thee is broken [...] (American Standard Version)

Don't rejoice, all of you in Philistia, because the rod of the one who struck you is broken [...] (Christian Standard Bible)

Curiosamente, algumas versões na Língua Inglesa, caracterizadas pela utilização de uma equivalência funcional no método de tradução, já traduzem esse mesmo vocábulo como

Filisteus (Philistines) em vez de Filístia (Philistia), traduzindo-o como o povo, em vez de, a terra:

Do not rejoice, all you Philistines, that the rod that struck you is broken [...] (New International Version)

Do not rejoice, you Philistines, that the rod that struck you is broken [...] (New Living Translation)

Do not rejoice, all you Philistines, that the rod that struck you is broken [...] (Berean Study Bible)

Independentemente dessa nova tendência, o que é importante para o nosso estudo é que a palavra Palestina desapareceu do texto do Antigo Testamento, tendo sido atualizada para Filístia ou filisteus.

Lewis (1980), comentando sobre a mudança na Língua Inglesa das palavras Palestina e Palestine, que eram também usadas na English Authorized Version, para Philistia, em sua edição revisada, afirma que essa correção foi “um óbvio ganho em exatidão”.

Essa menção de Isaías à Filístia se encontra entre profecias proferidas contra vários povos, entre os quais, os assírios, babilônios e moabitas e é importante destacar que ela se refere à terra dos filisteus como um território separado da terra de Israel.

Feldman, destaca que só existe uma utilização correta do nome Palestina: “o nome Palestina, na Bíblia, é corretamente usado **somente quando aplicado à terra dos filisteus**, na costa do mediterrâneo.” (FELDMAN, 1990, tradução nossa)

## **5. COMO ASSÍRIOS, BABILÔNIOS E ROMANOS TRATAVAM PRISIONEIRO DE GUERRA?**

A compreensão das diferentes formas de tratamento de prisioneiros e de povos conquistados na antiguidade é fundamental para entendermos as razões da mudança do nome da terra ocupada pelos judeus e pelos primeiros cristãos.

Após as atrocidades do campo de batalha, os vencedores ainda se confrontavam com um problema adicional – como tratar os sobreviventes remanescentes?

Os assírios eram adeptos da deportação em massa (ARNOLD; STRAWN, 2016, tradução nossa) seguida pela substituição do povo deportado por outros povos vindos de outras conquistas e deportações, “o rei da Assíria **trouxe gente** de Babilônia, de Cuta, de Ava, de Hamate e de Sefarvaim e a fez habitar na cidade de Samaria, em lugar dos filhos de Israel; tomaram posse de Samaria e habitaram nas suas cidades.” (2 Reis 17:24, grifo nosso)

Esses novos povos introduzidos nas regiões conquistadas traziam seus próprios deuses conseguindo anular a herança religiosa dos antigos habitantes, destruindo assim a possibilidade de sobreviventes perpetuarem sua cosmovisão original:

Porém cada nação fez ainda os seus próprios deuses nas cidades em que habitava, e os puseram nos santuários dos altos que os samaritanos tinham feito. Os de Babilônia fizeram Sucote-Benote; os de Cuta fizeram Nergal; os de Hamate fizeram Asima; os aveus fizeram Nibaz e Tartaque; e os sefarvitas

queimavam seus filhos a Adrameleque e a Anameleque, deuses de Sefarvaim. (2 Reis 17:29-31, grifo nosso)

Já os babilônios optavam pela absorção e reeducação de nobres conquistados para que servissem na corte de seu próprio rei, como vemos no livro do profeta Daniel, quando jovens hebreus foram selecionados para serem educados, por três anos, para servirem na corte de Nabucodonosor:

Disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, tanto da linhagem real como dos nobres, jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, instruídos em toda sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento e que fossem competentes para assistirem no palácio do rei e lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus (Daniel 1:3-4)

Determinou-lhes o rei a ração diária, das finas iguarias da mesa real e do vinho que ele bebia, e que assim fossem mantidos por três anos, ao cabo dos quais assistiriam diante do rei. (Daniel 1:5)

Entre eles, se achavam, dos filhos de **Judá**, Daniel, Hananias, Misael e Azarias. O chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel, o de Beltessazar; a Hananias, o de Sadraque; a Misael, o de Mesaque; e a Azarias, o de Abede-Nego. (Daniel 1:7, grifo nosso)

No Oriente Próximo dos tempos bíblicos, os nomes pessoais tinham grande importância sobre o caráter, a cosmovisão e a missão de vida de cada pessoa. Sabendo disso, o chefe dos eunucos do rei Nabucodonosor, além de mudar a educação e tentar mudar a alimentação dos jovens hebreus, teve também o cuidado de trocar imediatamente os seus nomes hebraicos cujos significados eram todos relacionados ao Deus de Israel.

Seus novos nomes babilônicos tinham, por sua vez, significados de divindades babilônicas. Dessa maneira, foi aplicada sobre aqueles jovens uma adicional tortura psicológica e religiosa, com o objetivo de destruir a cosmovisão judaica que eles possuíam e transformá-la em uma cosmovisão babilônica de acordo com os interesses da nova corte.

Os romanos, diferentemente de gregos e persas, que prezavam o sincretismo cultural, preocupavam-se mais com as conquistas e os impostos, preservando administrações e dinastias locais desde que lhe fossem vassalãs e bem pagadores de tributos.

No entanto, quando os povos conquistados se revoltaram contra o domínio romano, o tratamento tolerável dado em tempos de paz era prontamente substituído pela destruição total das cidades rebeldes, pela deportação de prisioneiros sobreviventes, pela substituição de populações, como faziam os assírios, e pela adicional transformação cultural dos remanescentes aplicando-se, inclusive, a estratégia político-psicológica da mudança de nomes, como faziam os babilônios.

## **6. A TERRA DE ISRAEL NO TEMPO DO RETORNO DO CATIVEIRO BABILÔNICO**

A Bíblia relata que o povo de Israel viveu seu apogeu no reinado de Salomão e teve seu declínio causado pela idolatria, culminando na destruição de Jerusalém e na deportação de sobreviventes para a Babilônia. Na esteira dessas guerras e invasões estrangeiras, os filisteus também foram atingidos e sofreram o mesmo destino dos israelitas: morte, exílio e escravidão. A diferença é que os filisteus foram derrotados e deportados pelos assírios e os israelitas, posteriormente, pelos babilônios. Os filisteus foram absorvidos no império assírio e nunca voltaram para a Filístia, mas os judeus foram libertos pelos persas após a conquista da Babilônia, e tiveram a permissão dada por Ciro para voltar para a Judeia.

Podemos constatar nos versículos iniciais do livro de Esdras que a terra de Israel no tempo do retorno dos exilados judeus do cativeiro babilônico ainda se chamava pelo mesmo nome que era conhecida no tempo da invasão babilônica, isto é, como Judá, o reino remanescente da divisão de Israel em dois reinos, o reino de Israel ao norte (composto por dez tribos) e o reino de Judá ao sul (composto por duas tribos), “assim diz Ciro, rei da Pérsia: O SENHOR, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém de **Judá.**” (Esdras 1:2, grifo nosso)

O livro de Esdras também registra a resistência à construção do templo em Jerusalém pelos povos de Samaria, justamente aquela região de onde os Assírios transportaram o povo de Israel como cativos e para qual trouxeram outros povos para habitar a terra em seu lugar:

No princípio do reinado de Assuero, escreveram uma acusação, contra os habitantes de Judá e de Jerusalém. (Esdras 4:6, grifo nosso)

Escreveu Reum, o comandante, e Sinsai, o escrivão, os outros seus companheiros: dinaítas, afarsaquitas, tarpelitas, afarsitas, arquevitas, babilônios, susanquitas, deavitas, elamitas e outros povos, que o grande e afamado Osnapar transportou e que fez habitar na cidade de Samaria, e os outros aquém do Eufrates. (Esdras 4:9-10)

Eis o teor da carta endereçada ao rei Artaxerxes: Teus servos, os homens daquém do Eufrates e em tal tempo. Seja do conhecimento do rei que os judeus que subiram de ti vieram a nós, a Jerusalém. Eles estão reedificando aquela rebelde e malvada cidade e vão restaurando os seus muros e reparando os seus fundamentos. (Esdras 4:11-12, grifo nosso)

Saiba ainda o rei que, se aquela cidade se reedificar, e os muros se restaurarem, eles não pagarão os direitos, os impostos e os pedágios e assim causarão prejuízos ao rei. (Esdras 4:13, grifo nosso)

Inicialmente, é fundamental destacar que os habitantes que retornaram da Babilônia são identificados como sendo de

Judá. A questão da temporalidade é novamente abordada no versículo onze, nos chamando a atenção para o fato que, **naquele tempo** do retorno dos cativos, aquela região era conhecida como **Judá** e que seus habitantes eram conhecidos e chamados de judeus.

Chamamos a atenção para o fato de não haver nenhuma menção ao povo filisteu entre os povos que haviam ocupado os territórios de Samaria ou até mesmo de Judá (enquanto os judeus estiveram cativos) e que foram listados na conspiração contra o retorno e reestabelecimento do povo judeu em seu antigo território.

Como já foi mencionado, diferentemente dos judeus, os filisteus nunca retornaram para a Filístia. Por essa razão, não havia mais nenhuma terra conhecida por Filístia ou “Palestina” ao tempo do retorno dos judeus para Judá. Consequentemente, lembrando também a temporalidade que é sempre destacada nas passagens bíblicas examinadas, podemos seguramente afirmar que ao tempo do retorno do cativo babilônico, os judeus nunca habitaram em nenhuma terra chamada de “Palestina”.

Destacamos que os povos estrangeiros introduzidos pelos Assírios em Samaria cumpriram a sua missão original de antagonizar os planos de Deus, tentando obstruir a construção de Jerusalém e do templo, tão indissociáveis da cosmovisão judaica.

Também observamos a ocorrência de uma agressiva campanha de difamação contra os judeus e contra sua cidade principal através de palavras escritas em cartas direcionadas a governantes persas contendo alegações falsas sobre a intenção dos habitantes de Judá em relação a questões tributárias. Esta intenção difamatória através de palavras tem sido, ao longo da

história, um denominador comum em todas as estratégias antagônicas usadas pelos inimigos de Deus, contra seu povo, sua lei e seus planos.

A difamação contra Deus iniciou-se no céu na rebelião de Satanás, foi introduzida no Éden, gerando a Queda do homem, e tem sido uma constante na saga do povo de Deus neste mundo. Ela foi usada pelo gigante Golias diante dos exércitos de Israel e nos momentos antecedentes ao embate contra Davi, foi usada por Rabsaqué, oficial assírio, em frente aos muros de Jerusalém para minar a fé da cidade sitiada, por Hamã para influenciar o rei Assuero a publicar um decreto de morte contra o povo judeu, por Acabe ao acusar o profeta Elias de ser o perturbador de Israel e por Satanás contra Jó ao insinuar que a fidelidade deste era devida aos seus bens e à sua condição física saudável.

A difamação também foi usada diversas vezes contra Jesus no seu julgamento, contribuindo decisivamente para sua condenação e execução. Ela continuou sendo usada contra Estêvão, contra muitos discípulos e apóstolos, contra os cristãos perseguidos pelo império romano e contra os cristãos perseguidos pela inquisição.

Assim, necessário se faz, no contexto do conflito cósmico em que vivemos, também ter em mente este pano de fundo difamatório ao analisarmos a utilização do termo Palestina para se referir à Terra Santa, visto que se trata de um explícito atentado semântico enraizado nesse topônimo dado à Eretz Israel (Terra de Israel).

## **7. O TERRITÓRIO DE JUDÁ E ESCRITORES GREGOS**

Muitos defensores do uso do termo Palestina argumentam que escritores gregos antigos como Heródoto, Ptolomeu e Plínio usaram a palavra Palestina para designar não só a região costeira da Filístia, ocupada pelos filisteus, como também a vizinha região de Judá, habitada pelos judeus.

A Enciclopédia Judaica, no verbete Palestina, cita que foram os gregos os primeiros a denominar toda aquela região como Palestina, mas também ressalta que o ato de denominar uma região interior baseado no nome de sua região costeira não era muito raro entre os povos antigos.

Na minha opinião, o uso do termo Palestina por escritores gregos se trata apenas de uma questão referencial. Os gregos se aproximavam daquela região principalmente pelo mar no sentido oeste-leste e se depararam com a pentapolis dos filisteus que ficava exatamente na área costeira. Portanto, é natural, que também designassem a área interiorana de Palestina, apesar da influência geopolítica das cidades filisteias se estender apenas às planícies adjacentes às suas cidades sem, contudo, se expandir para o planalto central conhecido como Judá, onde habitavam os judeus.

Semelhantemente, mas em sentido contrário, os persas, que percebiam e atacavam o território de Judá vindos do Oriente, no sentido leste-oeste, denominavam toda aquela região da quinta satrapia do império persa como província da Síria (ou Coele-Síria), sem considerar que sua parte plana e costeira meridional foi por séculos denominada Filístia.

Assim, o simples fato de alguns escritores gregos chamarem a região de Palestina, em uma perspectiva direcional

que se move do mar para a terra, numa cosmovisão geográfica grega, não significa que o território de Judá tivesse mudado seu nome para Palestina, assim como o fato dos argentinos chamarem um arquipélago de ilhas Malvinas não significa que os ingleses deixaram de chamá-las de Falklands. É só uma questão de referencial geográfico e de cosmovisão étnica.

É insensato pensar que os judeus, tão avessos ao Helenismo, fossem capazes de aceitar uma imposição romana de mudança do nome da terra de seus antepassados para Palestina, justamente o nome da terra dos seus piores inimigos.

## **8. JUDÁ OU JUDEIA?**

Judá é a forma Portuguesa do vocábulo hebraico transliterado como YEHUDA que era o nome de um dos filhos de Jacó, que depois denominou uma das doze tribos de Israel. Após a divisão de Israel em dois reinos, Israel ao Norte e Judá ao Sul, o termo Judá passou a designar o reino do sul formado pelas tribos de Judá e Benjamim. Depois do retorno do cativo babilônico, o termo Judá deu nome à toda aquela região antigamente ocupada pelos reinos de Israel e Judá.

Judeia é a forma latinizada da palavra Judá que foi adotada após o domínio romano daquela região.

De acordo com o historiador francês Maurice Sartre, citado por Lobianco em sua dissertação intitulada “o Outono da Judeia” (1999), o termo Judeia tem dois sentidos. O primeiro se refere à região de Jerusalém que separa a Samaria, ao Norte, da Idumeia, ao Sul. O segundo sentido se refere aos limites do reino de Herodes Magno e engloba os três territórios: Samaria,

Idumeia, a própria Judeia e também a Galileia localizada mais na extremidade norte.

Independentemente do sentido a ser aplicado, o termo Judeia, englobando apenas a região de Jerusalém e suas proximidades incluindo Belém, ou a região do antigo Israel como um todo, incluindo a Galileia, temos a certeza de que os judeus nunca viveram em uma região chamada **no seu tempo**, de Palestina.

Semelhantemente, podemos falar com certeza que o Cristianismo nasceu na Judeia, o correto nome romano dessa província ou de uma de suas subdivisões, quer consideremos a Judeia de Jerusalém ou a Judeia que considerava todo o território, incluindo a Galileia. Em nenhum momento, **no tempo** dos judeus ou de Jesus, aquelas regiões administrativas, no todo ou em parte, conhecidas por Judeia, foram denominadas de Palestina.

No livro de Lucas, encontramos o registro da correta denominação geográfica daquela região administrativa romana no tempo de Jesus:

No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia, Herodes, tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe, tetrarca da região da Itureia e Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilene, sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto. (Lucas 3:1-2, grifo nosso)

Nessa passagem de Lucas vemos o termo Judeia usado no sentido mais restrito de uma subdivisão de todo o território de

Israel. Mesmo nesse sentido mais limitado, observa-se que outras regiões adjacentes ao território da Judeia são mencionadas sob a jurisdição de tetrarcas e que nenhum desses territórios é denominado de Palestina.

De uma forma mais tradicional e abrangente, vemos no livro de Mateus a maneira como o anjo Gabriel entendia a denominação daquele território:

Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse-lhe: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino. Dispôs-se ele, tomou o menino e sua mãe e regressou para a terra de Israel. (Mateus 2:19-21, grifo nosso)

Vemos nessa declaração do anjo Gabriel, chamando de terra de Israel uma região já consagrada administrativamente e historicamente como Judeia, uma visão mais abrangente do lugar e do povo escolhido para receber os oráculos de Deus, deixando de dar ênfase ao nome Judeia que está mais associado etimologicamente à tribo e ao reino de Judá.

Outro ponto interessante é que o anjo Gabriel não menciona, nem mesmo uma única vez, aquela região como sendo Palestina.

Também vemos no livro de Atos uma recomendação de Jesus sobre as áreas iniciais de atividades missionárias sobre as quais os discípulos deveriam concentrar seus esforços, “[...]mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis

minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a **Judeia** e Samaria e até aos confins da terra.” (Atos 1:8, grifo nosso)

Não é interessante que Jesus não tenha mencionado nenhuma vez a palavra Palestina? Nem ele, nem o anjo Gabriel, nem Mateus, nem Lucas nem nenhum dos apóstolos ou escritores do Novo Testamento. Simplesmente porque **no tempo** de Jesus e de seus primeiros seguidores não havia nenhuma região da terra prometida a Abraão e aos seus descendentes que se chamasse de Palestina.

### **8.1 COMO A JUDEIA PASSOU A SER CHAMADA DE PALESTINA?**

De acordo com a World History Encyclopedia, nos verbetes “Palestine” and “Hadrian”, o responsável por essa mudança foi o imperador romano Adriano. Sua decisão de construir uma colônia romana sobre as ruínas de Jerusalém em 132 d.C. e sua proibição da circuncisão provocou muitos protestos por parte dos judeus, culminando no que ficou conhecido como a Segunda Revolta dos Judeus liderada por Bar Kochba.

Essa rebelião foi duramente suprimida em 135 d.C. resultando na morte de mais de quinhentos mil judeus que foram praticamente exterminados da Judeia. Os que se refugiaram na Galileia e em Samaria foram proibidos de entrar ou circular nos arredores de Jerusalém que teve seu nome mudado para Aelia Capitolina, em homenagem ao próprio Adriano que tinha Aelia como nome de seu clã.

Além de trocar o nome de Jerusalém, Adriano mudou também o nome daquela província romana de Judeia para

Síria-Palestina, contemplando os nomes dos principais inimigos dos judeus, os sírios e os filisteus. Essa mudança não foi muito sentida pelos sírios, pois seu território, ao norte de Israel, já era conhecido por Síria. O problema estava no novo nome dado à Judeia, que passou a ser chamada nos séculos seguintes apenas de Palestina.

Não satisfeito com as mudanças nos nomes de Jerusalém para Aelia Capitolina e de Judeia para Síria-Palestina, o imperador Adriano prosseguiu na urbanização da nova cidade construída para a glória de seu nome de acordo com sua cosmovisão greco-romana de arquitetura, no traçado das ruas da cidade, na construção de templos dedicados a Júpiter e a si mesmo sobre o local do antigo templo dedicado a Yahweh, além de trazer o circo, o teatro e os banhos romanos para a nova cidade. Adicionalmente, Adriano proibiu os sobreviventes do povo que se chama pelo nome de Deus de circular nos arredores do monte de Deus, o monte Sião, sobre o qual, ou na proximidade do qual, a nova cidade Aelia Capitolina havia sido erguida.

A mudança de nome de Judeia para Síria-Palestina foi uma medida política proposital. Foi como se a “Solução Final”, imaginada pelos nazistas para destruir o povo judeu na segunda guerra mundial, tivesse sido antecipada por quase dois mil anos. A verdadeira intenção de Adriano ao mudar o nome de Judeia para Palestina e o de Jerusalém para Aelia Capitolina foi unicamente a de destruir de uma vez por todas a identidade histórica, política, cultural e religiosa de um povo e de um território escolhidos pelo Criador para, através deles, revelar o Evangelho ao mundo. Rood resume os motivos de Adriano por trás dessas mudanças de nomes: “Apagar a memória do reino judeu.” (ROOD, 2019, tradução nossa)

Sempre foi o plano de Deus que Jerusalém, como capital territorial de uma nação sacerdotal, testemunhasse para todos os povos o plano de nossa redenção, tendo, inclusive recebido a honra de ser a única cidade do mundo a receber sobre si a presença do sagrado nome do Criador e ter tido sua posição geográfica central também escolhida pelo próprio Deus:

Assim diz o SENHOR Deus: Esta é Jerusalém; pu-la no meio das nações e terras que estão ao redor dela. (Ezequiel 5:5)

Mas escolhi Jerusalém para que ali seja estabelecido o meu nome [...] (2 Crônicas 6:6)

Se o meu povo, que se chama pelo meu nome [...] (2 Crônicas 7:14)

Escolheu, antes, a tribo de Judá, o monte Sião que ele amava. E construiu o seu santuário [...] (Salmos 78:68-69, grifo nosso)

Por outro lado, vemos a maioria da humanidade sempre atuando contrariamente aos planos de Deus. Com os romanos não foi diferente. Lembramos que o conceito político de Estado envolve a coexistência de um povo e de um território. Adriano tentou acabar de uma vez por todas com a existência de um Estado Teocrático ao tentar exterminar o povo judeu e mudar o nome do seu território e de sua capital, proferindo um duro golpe na identidade desse povo.

Ao destruir os pilares da cosmovisão judaica, seu templo, sua cidade, seu país e uma grande parte desse povo, o imperador Adriano modificou, para aquela etnia, o “Shalom” original que, na

visão de Cornelius Plantinga Jr., citado por Goheen e Bartholomew (2016), “é a maneira como as coisas deveriam ser”.

Para melhor compreendermos os motivos e as implicações dessa mudança, é importante relacionarmos a atitude de Adriano, ao mudar os nomes de Jerusalém e Judeia para Aelia Capitolina e Palestina, com a mesma atitude de Aspenaz, o chefe dos eunucos de Nabucodonosor, que mudou os nomes dos jovens hebreus para nomes babilônicos, tentando destruir suas cosmovisões e principalmente suas religiões.

Por exemplo, tomemos o caso do Daniel, cujo nome significa “Deus é meu juiz” e que foi mudado pelos babilônios para Beltessazar que significa “Bel proteja o rei”. Bel era uma das principais divindades babilônicas. Podemos imaginar o que se passou na mente daquele jovem judeu que tinha o seu nome relacionado com o Deus de Israel e recebeu arbitrariamente um outro nome relacionado a um deus da Babilônia, imposto com a única intenção de destruir a sua fé e sua identidade histórico-cultural. No entanto, nenhum teólogo se refere a esse importante profeta bíblico como Beltessazar, seu nome babilônico, dado “a posteriori” mas sim como Daniel, seu nome hebreu.

Semelhantemente, é fato histórico que os nomes de Jerusalém e da Judeia foram mudados por um imperador romano também com a intenção de anular a herança cultural e religiosa de seus habitantes. No decorrer da história, o novo nome de Jerusalém (Aelia Capitolina) não foi assimilado nem perpetuado por pensadores e líderes cristãos que viveram a partir do segundo século.

Todavia, infelizmente, o novo nome da Judeia (Palestina) teve ampla aceitação, assimilação e compartilhamento no meio

cristão, principalmente por líderes patrísticos que não viveram naquele território e que, compreensivelmente, nunca foram afetados pelos traumas da derrota na guerra, da deportação e da mudança de nomes de seus lugares sagrados.

Essa narrativa de que a terra conquistada pelos judeus se chama Palestina, apesar de não haver nenhum mapa antigo ou atual com esse nome para aquela localidade, ainda é compartilhada por muitos eruditos e teólogos, inconscientemente das implicações religiosas do uso desse termo e, na maioria da vezes, sem a cognição dos limites geográficos abrangidos pelo nome Palestina, como bem expressa o geógrafo israelense Gideon Biger, “a Palestina foi mais um conceito geográfico enraizado em uma consciência histórica do que uma definida e medida faixa de terra dentro de limites geográficos claros ou fronteiras políticas estáveis.” (BIGER, 2008, tradução nossa)

O jornalista israelense Benjamim Glatt, em postagem no *The Jerusalem Post* pede ajuda aos cristãos para corrigir “o travesti histórico chamado Síria-Palestina” (GLATT, 2017, tradução nossa). A palavra inglesa “travesty”, usada por Glatt, de acordo com o *Longman Dictionary of Contemporary English* é “termo usado para dizer que algo é extremamente ruim e não é aquilo que se clama como verdadeiro”.

É justamente o que acontece há séculos. As pessoas se referem à terra de Israel como se o nome original desse território fosse Palestina, sem nem saber que a origem histórica desse nome é posterior ao nascimento do Cristianismo, sem nem saber de seus limites geográficos e sem nem saber que é um nome travestido, isto é, ruim e não verdadeiro, e, principalmente, que não se encontra na narrativa bíblica.

Goheen e Bartholomew (2016) nos alertam que uma das críticas ao conceito de cosmovisão é que “a abordagem de cosmovisão pode ficar desconectada das Escrituras e, portanto, vulnerável às influências da época”.

Foi exatamente o que aconteceu na assimilação do topônimo Palestina. Os cristãos que viveram posteriormente à mudança desse nome incluíram em suas narrativas um termo que não está presente na narrativa bíblica para designar o território prometido ao povo de Deus.

Além disso, usar o termo Palestina é também uma questão de incoerência, visto que o imperador Adriano mudou não somente o nome da Judeia, como também o nome de Jerusalém. Para serem coerentes historicamente, aqueles que não se importam em usar um topônimo atribuído em período posterior, de maneira retroativa, aplicando-o a eventos históricos do passado, preferindo chamar, conscientemente, a Judeia de Palestina, deveriam também omitir o nome de Jerusalém e chamar a cidade mais sagrada para judeus e cristãos de Aelia Capitolina. No entanto, não encontramos nenhuma referência histórico-bibliográfica indicando que Jesus tenha ensinado ou morrido numa cidade chamada Aelia Capitolina.

Goheen e Bartholomeu (2016) afirmam que: “Uma cosmovisão que se desenvolve a partir do drama bíblico precisa nos reconduzir sempre e de novo – e cada vez mais profundamente – para dentro daquela narrativa, em vez de nos afastar dela”.

E a narrativa bíblica é clara – o nome bíblico da “terra prometida’ era Canaã. Ao tempo dos Judeus e dos primeiros cristãos, a denominação já havia sido mudada sucessivamente

para Terra de Israel, Judá e finalmente Judeia, mas nunca Palestina. Esse nome nem mesmo aparece no Novo Testamento.

## **9. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O topônimo “Palestina”, referindo-se à terra prometida à Abraão e aos seus descendentes não faz parte da narrativa bíblica. Esse termo é usado na Bíblia, na sua forma original “Filístia”, apenas para identificar o território dos filisteus situado na costa meridional de Canaã.

Palestina é um termo pagão, dado por um imperador pagão em um tempo posterior ao Antigo Testamento e ao nascimento do Cristianismo. Portanto, afirmar que os judeus do Antigo Testamento viveram na Palestina e que o Cristianismo nasceu nessa mesma região é um erro histórico, geográfico e temporal, já que a Judeia só recebeu esse nome no ano 135 d.C.

Assim, podemos afirmar sem a menor sombra de dúvida, que os judeus nunca viveram, ao seu tempo, em uma terra denominada em homenagem aos seus históricos inimigos. O mesmo se pode dizer de Jesus e dos primeiros cristãos. Eles nunca viveram na Palestina.

Portanto, principalmente no contexto teológico, o correto, bíblicamente, é afirmar que o Cristianismo nasceu na Judeia, mas nunca na Palestina.

Como última consideração, compartilho o comentário que é o título da matéria de Glatt publicada no The Jerusalem Post, “é hora de consertarmos o erro ‘Palestino’ de Adriano” (GLATT, 2017, tradução nossa).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.F. **A Bíblia Sagrada**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. rev. e atual. no Brasil. 2ª ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ARNOLD, B. T.; STRAWN, B. A. **The world around the Old Testament**: the people and places of the ancient near east. Michigan: Grand Rapids: Baker Academy, 2016. Disponível em: [https://www.amazon.com.br/World-Around-Old-TestamentAncient/dp/1540962318/ref=sr\\_1\\_1?mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=the+world+around+the+old+testament&qid=1617428928&sr=8-1](https://www.amazon.com.br/World-Around-Old-TestamentAncient/dp/1540962318/ref=sr_1_1?mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=the+world+around+the+old+testament&qid=1617428928&sr=8-1)  
Acesso em: 03 Abr. 2021

BIBLE VERSIONS. Disponível em: <https://www.biblegateway.com/> e <https://www.biblehub.com/> Acesso em: 03 Apr. 2021

BIGER, G. The Boundaries of Israel-Palestine past, present, and future: a critical geographical view. **Israel Studies**, v. 13, n. 1, 2008, p. 68–93. *JSTOR*. Disponível em: [www.jstor.org/stable/30245820](http://www.jstor.org/stable/30245820). Acesso em: 30 Mar. 2021

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. Tradução Israel Belo de Azevedo, Valdemar Kroker. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DOCKERY, D. S. **Manual bíblico vida nova**. Tradução Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs, Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 2001. 952p.

FELDMAN, L. H. Some Observations on the Name of Palestine. **Hebrew Union College Annual**, v. 61, p. 1–23, 1990. *JSTOR*. Disponível em: [www.jstor.org/stable/23508170](http://www.jstor.org/stable/23508170). Acesso: 28 mar. 2021.

GOHEEN, M. W.; BARTHOLOMEW, C. G. **Introdução à cosmovisão cristã**: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a

contemporânea. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GLATT, B. Comment: it's time to fix Hadrian's "Palestine" mistake. **The Jerusalem Post**. Aug. 2017. Disponível em: <https://www.jpost.com/christian-news/comment-its-time-to-fix-hadrians-palestinian-mistake-502190>. Acesso em: 31 mar. 2021.

GONZÁLES, J. L. **Uma história do pensamento cristão**: dos primórdios ao concílio de Calcedônia-vol. 1. Traduzido por Paulo Arantes. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. 368p.

JACOBS, J.; IMMANUEL B.; EISENSTEIN, J. D. Palestine. **Jewish Encyclopedia**. Disponível em: <https://jewishencyclopedia.com/articles/13529-shefelah> Acesso em: 31 Mar. 2021.

LASOR, W. S.; HUBBARD, D. A.; BUSH, F. W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002

LEWIS, B. Palestine: On the History and Geography of a Name. **The International History Review**, v. 2, n. 1, 1980, p. 1-12. JSTOR. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40105058>. Acesso em: 29 Mar. 2021.

LOBIANCO, L. E. O outono da Judeia (sec. 1 a.C. – sec 1 d.C.): resistência e guerras judaicas sob o domínio romano Flávio Josefo e sua narrativa. 1999. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade Federal Fluminense, Niteroi. 1999, 207p. Disponível em: [https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-1999\\_LOBIANCO\\_Luis\\_Eduardo-S.pdf](https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-1999_LOBIANCO_Luis_Eduardo-S.pdf) Acesso em: 12 Mar. 2021

LONGMAN dictionary of contemporary English. England: Pearson Education Limited, 2009.

MARK, J. J. Hadrian. **World History Encyclopedia**. May 2021. Disponível em: <https://www.ancient.eu/hadrian/> Acesso: 31 Mar. 2021.

MARK, J. J. Palestine. **World History Encyclopedia**. Disponível em: <https://www.ancient.eu/palestine/> Acesso em: 31 Mar. 2021.

EDITORS, C. R. **The philistines**: the history of ancient israelites most notorious enemies. 2018. Createspace Independent Publishing Platform: [S.l.], 2018. Disponível em: [https://www.amazon.com.br/Philistines-History-Ancient-Israelites-Notorious/dp/1985759527/ref=sr\\_1\\_12?\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=philistines&qid=1617427658&sr=8-12](https://www.amazon.com.br/Philistines-History-Ancient-Israelites-Notorious/dp/1985759527/ref=sr_1_12?_mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=philistines&qid=1617427658&sr=8-12) . Acesso em: 03 Apr. 2021

ROOD, J. M. On the political rhetoric of toponyms: Jerusalem in the history of redemption – Mishkan: a forum on the gospel and the jewish people. Issue 81. 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/335474805\\_On\\_the\\_Political\\_Rhetoric\\_of\\_Toponyms](https://www.researchgate.net/publication/335474805_On_the_Political_Rhetoric_of_Toponyms). Acesso em: 30 Mar. 2021

ROSS, A. P. **Introducing biblical hebrew**. Michigan: Baker Academy: Grand Rapids, 2001. 565p.